

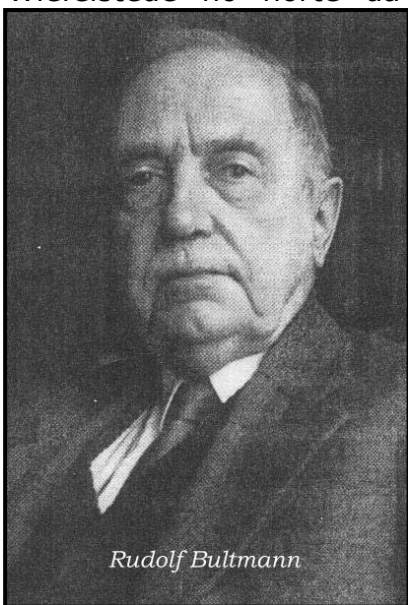


Bultmann, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*, trad. Ilson Kayser. São Paulo: Teológica, 2004, 925 pp.

Antes de mais nada precisamos saber que o pensamento de Bultmann está fundamentado em dois pontos: no método hermenêutico (em ordem cronológica temos: história das formas, pré-compreensão existencial e desmitologização) e na utilização da filosofia existencialista.

Sua teologia do Novo Testamento foi publicada inicialmente em três volumes, sendo que a primeira edição completa se deu no ano de 1953. Desde então sofreu várias re-edições e numerosas traduções. A presente obra, publicada pela Editora Teológica, tem sua origem na 9ª edição revista e ampliada por Otto Merk em 1984. É uma espécie de *summa* de todo o pensamento bultmanniano.¹ Foi toda produzida no período de sua aposentadoria e é fruto de longos anos de dedicação à matéria. Estabeleceu referenciais permanentes e de forma alguma está superada, como alguns insistem em afirmar. É evidente que a pesquisa neotestamentária avançou bastante e que esta não acompanha a concepção de Bultmann na íntegra, mas ela foi obrigada a fazer reparos, correções, adendos e complementações, e não apenas desconsiderar os resultados obtidos por Bultmann, devendo assim avaliar cada ponto, constatando suas verdades e suas deficiências. A estrutura geral da obra é coerente com as premissas teológicas de seu autor. A sua pesquisa foi dividida em três partes: a primeira parte trata das premissas e motivos da teologia neotestamentária. A segunda, da teologia de Paulo e João (inclusive das cartas que trazem o nome deste apóstolo) e a terceira, tem por conteúdo o desenvolvimento da teologia até a Igreja Antiga.

Rudolf Bultmann nasceu em 20 de agosto de 1884 em uma pequena cidade de Wiefelstede no norte da Alemanha. Como filho de pastor luterano e neto de missionário na África seguiu as pegadas de seus ancestrais, iniciando o estudo da teologia em 1903 (Universidade de Tübingen). Em 1910, defendeu sua tese de doutorado sobre o estilo da pregação do apóstolo Paulo ("O Estilo da Pregação Paulina e a Diatribe Cínico-estóica") e, em 1912, habilitou-se ao magistério com um estudo sobre a exegese de Teodoro de Mopsuéstica. A maior parte de sua carreira foi passada na Universidade Marburg (1921-1951), onde assumiu a cátedra de Novo Testamentoⁱⁱ e de História da Igreja Primitiva. Faleceu em 1976 atormentado por várias doenças, entre as quais a cegueira.



Rudolf Bultmann

Bultmann, ao contrário de muitos outros teólogos, percebe a multiplicidade das "teologias" no próprio Novo Testamento. O cânon, para ele, não se apresenta como unidade sistemática. Pelo contrário, o querigma se



expressa em multiplicidade de formas. Bultmann em sua teologia optou pela exposição da diversidade dos testemunhos, resistindo à tentação da harmonização precipitada. E, no entanto, leva a sério a normatividade canônica do Novo Testamento. Quanto a relação de sua teologia com as descobertas do Mar Morto, Bultmann diz que: "a descoberta desses textos não me motivou a interferir mais profundamente em minha exposição. A meu ver, seu significado para a interpretação do Novo Testamento é, muitas vezes, superestimada, pois eles apenas confirmam o que pesquisadores como W. Bousset há muito tempo já constataram, a saber, que a imagem do judaísmo contemporâneo de Jesus não era homogênea como seria de supor com base nos textos rabínicos".ⁱⁱⁱ

Na primeira parte o autor analisa os temas da pregação de Jesus, do querigma da comunidade primitiva e do querigma da comunidade helenista. No primeiro capítulo o autor dá início à sua exposição afirmando que a pregação de Jesus se situa entre os pressupostos da teologia do Novo Testamento, entretanto, não constitui uma parte dela. Para ele a teologia do Novo Testamento consiste no desdobramento dos pensamentos nos quais a fé cristã se certifica de seu objeto, de seu fundamento e de suas conseqüências. Fé cristã, no entanto, existe só a partir do momento em que existe um querigma cristão, isto é, um querigma que proclama a Jesus Cristo como ato salvífico escatológico de Deus, ou seja, Jesus Cristo, o crucificado e ressurreto. Como isso só viria a acontecer no querigma da comunidade primitiva, e não já na pregação do Jesus histórico, embora muitas vezes a comunidade tivesse introduzido, no relato sobre ela, elementos de seu próprio querigma. Portanto, só com o querigma da comunidade primitiva é que se tem início a reflexão teológica, começa a teologia do Novo Testamento. Entre as suas pressuposições históricas naturalmente estão a atuação e a pregação de Jesus; e é nesse sentido que a pregação de Jesus deve ser incluída na exposição da teologia neotestamentária (p. 40). Ainda no primeiro, Bultmann acentua o lado escatológico da mensagem de Jesus, dizendo que ele tinha certeza que o presente éon havia chegado ao fim (p. 42), ou seja, Jesus viveu na expectativa de uma modificação no mundo para o futuro próximo. O segundo capítulo trata do querigma da comunidade primitiva (judaico-cristã) no qual o autor faz uma eficiente exposição da natureza e das expectativas das primeiras comunidades. Ele diz que para a comunidade primitiva a atuação de Jesus no passado na terra ainda não é uma atuação messiânica (p. 75). Ressalta também o autor que essas comunidades se consideram a comunidade do tempo final (escatológica). Elas não pensam que são uma nova comunhão religiosa, portanto, um novo fenômeno histórico, e não se isola do judaísmo como nova religião. Ela permanece fiel ao templo e seu culto. Como a comunidade do tempo final, ela se entende como o verdadeiro Israel, para quem as promessas do Antigo Testamento agora encontram o seu cumprimento (p. 97). No terceiro capítulo, Bultmann diz que a pregação escatológica do cristianismo primitivo como anúncio de uma virada cósmica pôde contar, em grande parte, com a compreensão dos ouvintes de gentílicos, entretanto, para estes não existiam as condições para uma compreensão na medida em que, segundo concepção proto-cristã, o evento escatológico iminente era ato final de uma história



salvífica (p. 139). Cumpre destacar também o exame realizado pelo autor do tema do gnosticismo. Bultmann crê que o movimento gnóstico significou a concorrência mais séria e perigosa para a missão cristã, e isto foi decorrência de uma profunda afinidade; pois a essência da gnose não consiste em sua mitologia sincretista, mas antes em sua autocompreensão e em sua visão de mundo novas para o mundo antigo, servindo-lhe a mitologia apenas como forma de expressão (p. 219). Nesse item, Bultmann traça todos os possíveis paralelos gnósticos com o Novo Testamento. Nesses três primeiros capítulos notamos toda a erudição do autor. Muito do que conhecemos nesses capítulos possuem total aplicabilidade ainda hoje, após tantas descobertas arqueológicas, históricas e filológicas.

A segunda parte é a mais extensa do livro. Aqui ele trata da teologia de Paulo e João. No primeiro capítulo, o nosso autor estuda a teologia de Paulo. Primeiro ele examina o ser humano antes da revelação da fé, depois o ser humano sob a fé. Vale destacar a sua abordagem sobre a antropologia paulina. Bultmann comenta que Paulo não esboçou uma antropologia científica que descrevesse o ser humano como um fenômeno na área do mundo objetivamente perceptível. Ele vê o ser humano sempre em sua relação com Deus. Aliás, ele vê na relação com Deus tudo que existe e acontece, e nesse sentido o ser humano não tem nada que poderia distingui-lo de outros seres. Destarte, Bultmann mostra então como Paulo compreende as estruturas formais do ser humano (p. 247).^{iv} O teólogo de Marburg, no segundo capítulo dessa parte analisa também a teologia do Evangelho de João e das epístolas joaninas. Bultmann discute o dualismo joanino, o envio do filho e a questão da fé para João. Vou destacar desse capítulo o ponto onde Bultmann se mostra cético quanto a uma possível atribuição de autoria para o quarto Evangelho e para as epístolas de João, bem como o lugar quando foram redigidos. Bultmann apenas afirma que a atmosfera na qual ele surgiu (como também as epístolas) é a do cristianismo oriental (p. 438). Diz ele também que João não pertence à escola paulina e não está sob a influência de Paulo; ele é uma figura original e se encontra em outra atmosfera de pensamento teológico (p. 437).^v As conclusões que Bultmann teceu acerca da teologia paulina e joanina, ambas, foram alvos de críticas, contudo, não merecem a devida importância em razão do estudante ou do biblista necessitarem conhecer o que deu origem a tantas críticas e a linha de raciocínio que levou o maior erudito do Novo Testamento do século XX a tais conclusões.

Na última parte, Bultmann mostra o surgimento e desenvolvimento da teologia até a Igreja Antiga. No primeiro capítulo o autor fala sobre o surgimento e desenvolvimento inicial da ordem eclesiástica. No segundo capítulo mostra o desenvolvimento da doutrina e no último capítulo discute o problema da conduta cristã. De importância fundamental também é o epílogo, com o qual Bultmann esclarece os princípios que no seu entender devem comandar a redação de uma teologia do Novo Testamento.



Essa, sem sombra de dúvidas, é a melhor teologia do Novo Testamento em língua portuguesa disponível hoje no mercado editorial teológico brasileiro. A explicação concedida pelo autor em toda a sua obra é muito clara, objetiva e ao mesmo tempo profunda. A editoração do livro realizada pela Editora Teológica foi muito bem elaborada. A obra conta com uma extensa bibliografia, as orações em grego foram traduzidas para o português por Nélio Schneider, a capa feita por Magno Paganelli é muito bonita e a encadernação é bastante resistente. Não posso esquecer do excelente prefácio feito pelo renomado professor de Teologia Sistemática da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo Gottfried Brakemeier. Destarte, a obra deve se fazer presente na biblioteca de seminaristas, professores e pesquisadores do Novo Testamento.

Julio Fontana*

ⁱ MONDIN, Battista, *Os Grandes Teólogos do Século XX*, São Paulo: Teológica, 2003, p. 179.

ⁱⁱ Johannes Weiss foi quem orientou Bultmann para os estudos de exegese neotestamentária.

ⁱⁱⁱ Prefácio à 3ª edição revisada.

^{iv} Para ver algumas correções da análise Bultmann, ver Ernst Käsemann, *Perspectivas Paulinas*, São Paulo: Teológica, 2003.

^v Para ver algumas correções da análise Bultmann, ver Raymond Brown, *A comunidade do discípulo amado*, São Paulo: Paulus, 4ª edição, 2003.

* O autor está graduando em teologia e reside no Rio de Janeiro.